

Sofrimento que cura: as encruzas entre hip hop, feminismo negro e psicologia comunitária nas escolas.

Karine Alves Nogueira¹
Lucas Gabriel dos Santos Almeida²
Paula Rita Bacellar Gonzaga³

Resumo: O silenciamento da população negra é um projeto colonial de desumanização desses indivíduos e de negação da intelectualidade afrodiáspórica. Nas páginas desse texto discorremos sobre a experiência de oficinas produzidas com estudantes do ensino médio da rede pública de ensino do estado de Minas Gerais a partir da tecitura entre a cultura Hip Hop, o feminismo negro, as teorias contracoloniais e a psicologia comunitária, com o objetivo de produzir espaços de circulação e amplificação das vozes desses jovens sobre seus sonhos, seus territórios, suas histórias e suas vidas. Esse texto é parte de um projeto de extensão interdisciplinar composto por graduandos com trajetória popular que acessaram a Universidade Federal de Minas Gerais via políticas de ações afirmativas. Em curso desde 2024, esse projeto visa aproximar a universidade dos jovens que moram nas periferias urbanas da capital mineira e fazer circular as informações sobre políticas de acesso e permanência estudantil, bem como os saberes periféricos que fissuram as práticas epistemicidas que habitam na academia. Apresentamos os encontros entre jovens universitários e secundaristas em três atos que foram definidos a partir dos temas das oficinas: “O que escuto de quem canta?”; “Penso, logo verso” e “Ilustrando nossos elementos”, que trabalharam com a identidade negra do Hip-Hop, a produção de versos autorais e a criação de grafites.

Palavras-chave: Hip-Hop; Contracolonialidade; Periferia; Feminismo Negro; Psicologia Comunitária.

¹Pós-graduanda em Psicologia Social e Comunidades no Instituto Parentes. Graduada em Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais; psikarinean@gmail.com.

²Graduando do curso de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais; lucasgabrielssalmeida@gmail.com

³Doutora em Psicologia. Professora no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais; Co-coordenadora do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão - Conexões de Saberes; paribago@ufmg.br.

No esforço da dissolução do abismo existente entre a universidade pública e as comunidades populares, o Programa de Educação Tutorial Conexões de Saberes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), um grupo interdisciplinar formado por estudantes oriundos de contextos populares que tecem ações para a democratização da universidade e a Liga Acadêmica de Psicologia Social Latino Americana, proposição protagonizada por graduandos que visam contribuir com a consolidação dessa ciência e profissão enquanto ferramenta de transformação social, se uniram no projeto de extensão “Conectando Saberes a partir da Psicologia Social Latinoamericana: oficina de sonhos e projetos com estudantes do ensino médio da rede pública de ensino”.

Esse projeto de extensão visa criar espaços de trocas de informação e reflexões sobre o acesso ao ensino público superior, políticas de ações afirmativas e permanência estudantil com escolas de áreas periféricas de Belo Horizonte, sendo a primeira rodada de intervenções psicossociais realizada na regional Leste. Nós extensionistas graduandos da UFMG, em sua maioria negros e oriundos de escolas públicas, apostamos na potência estudantil e na facilitação de ferramentas e informações para que jovens decidam sobre seus próprios futuros. Entendemos que a entrada de grupos de áreas periféricas em universidades públicas permite a produção de conhecimentos e práticas de outros pontos de partidas e de referências dissidentes que historicamente foram interditadas de ocupar esses espaços, e como pontuam Queiroz e Toneli (2023), permitem que o conhecimento seja feito em um “giro decolonial” (p.143).

Com raízes na África, tronco nos guetos dos EUA e com seiva brasileira surge o Hip Hop (Borges, 2013) como facilitador das vozes, até então ignoradas, dos jovens das periferias. No Brasil, o Hip Hop inicialmente chega como um meio para permitir que a juventude se divertisse e dançasse, nos anos 90, com o aumento de sua popularidade que o Hip Hop nacional ganhou características de expressar e denunciar as revoltas da realidade dos jovens negros das periferias brasileiras (Fernandes, Martins e Oliveira, 2016). A escolha pela utilização do Hip Hop como instrumento nas nossas oficinas foi pautada em cima do que foi construído junto com os interesses dos alunos, relatados nas

dinâmicas quebra-gelo, e da potência de fortalecimento de identificação, visibilidade, pertencimento e transformação social que o Hip Hop pode possibilitar (Borges, 2013).

A tessitura deste projeto emerge como fio contínuo entre experiências anteriores, entrelaçando vivências compartilhadas que lançaram sementes em solo fértil da Psicologia Comunitária e no brotar das potências da arte. Nomeamos como “Sofrimento que cura” (Martins, 2015) às intervenções psicossociais desenvolvidas em escolas públicas fincadas em territórios periféricos. Com o apoio dos elementos do Hip Hop, construímos espaços seguros para o compartilhamento de angústias e revoltas sobre a realidade que os circunda e criação de novos caminhos para a transformação social. Com pressuposto de que nos espaços coletivos é possível que as dores sejam diluídas e que a troca com o outro possibilita estratégias de superação das mazelas vivenciadas.

Estigmatização da juventude negra e a Autodefinição

Absorvendo o enfrentamento à estigmatização da juventude negra como um pilar essencial para desenvolvermos as propostas, nos nutrimos da concepção de “Autodefinição” (Collins, 2016; Lorde 1982; Gonzaga, 2022) sendo este um dos temas chaves pensados no feminismo negro. Collins (2016) a entende como um movimento de sobrevivência e resistência feito por mulheres negras frente à dominação imposta que deseja massacrar o poder de visão que podem formar sobre si mesmas. Os estereótipos, como recuperado pela autora, andariam ao lado da desumanização, visando controlar os comportamentos, imagens e símbolos da pessoa estereotipada. Assim, operam carimbando imagens pejorativas caso estas pessoas saiam do escopo do subserviente ou do enredo de como se portar elaborado pela estrutura de dominação colonial. O ato de autodefinição retoma o poder sobre sua própria percepção de si, a valorização do seu pensamento e da sua consciência crítica, dismantela a autoridade do “dominador” de fazer sua visão se prevalecer e derruba a tentativa de objetificação infringida.

Se nutrindo de um movimento semelhante ao de Autodefinição podemos falar sobre a cultura hip hop que por meio de suas expressões artísticas também possibilita a construção da identidade dos jovens e a elaboração das dores (Martins, 2015), trazem reflexões sobre a organização social excludente das pessoas periféricas, de racismo, a

violência policial, a desigualdade econômica e, também, o empoderamento para esses jovens que têm vivências semelhantes às retratadas nas músicas. O rap abre, assim, para a “formação de consciência de si, necessária para que cada indivíduo atue como sujeito transformador de sua realidade e da sociedade em que vive.” (Martins, 2015, p.17). Em consonância, podemos caminhar junto as proposições educacionais de emancipação de Paulo Freire, pois enquanto caracteriza o sujeito oprimido como “aquele que por conta de uma estrutura desumanizante da sociedade é feito ‘ser menos’, é impossibilitado de ser” (Ribeiro, 2018, p.16), dentro das rimas há o espaço para elaborar sob as condições de ser no mundo, reclamar as possibilidades de escolha como num mantra:

Posso mudar meu destino/ Posso mudar meu destino / Posso mudar meu destino / Eu posso mudar meu destino / Não seja cego jovem negro / Não sinta medo jovem negro / Sem desespero jovem negro / Você pode escolher seu caminho. (Posso Mudar Meu Destino, 2021)

Nesse caminho, o horizonte de emancipação tanto dos processos de Paulo Freire (1977) quanto o Hip Hop encontra-se na formação do pensamento crítico, alinhado a ações que rumam à transformação da realidade. Vê-se também um encontro do Hip Hop com os pressupostos do feminismo negro quando ambos tem em sua base de surgimento pessoas negras e periféricas tomando para si o poder da expressão e da percepção de sua realidade, enquanto há a tentativa de sua existência ser ignorada e silenciada por parte dos grupos dominantes (Collins, 2016). Grande referencia do movimento, o DJ KL Jay compartilha sua percepção “O hip hop deu a voz que os negros estavam procurando, A VOZ. Imagina ‘a voz’ pra falar cantando e se expressar dançando.” (HIP, 2023).

Nas oficinas, o rap, como disparador de reflexões, vemos acontecer um encontro: a música sendo veículo para que artistas que compartilham uma origem semelhante à nossa e com os estudantes com quem construímos essa interlocução, sendo a maioria de ascendência afro-diaspórica e vivência em periferias de grandes cidades, elaborem sobre o racismo e as desigualdades, encontrando na poética sua forma de expressar suas percepções e, ainda, tendo os recursos que a poesia do rap oferece, como o uso de trocadilhos e metáforas, que propiciam uma abertura de compreensão para além do que apenas a linguagem direta consegue oferecer. A partir do questionamento dos artistas se

estabelece uma conversa com os adolescentes, eles elaboram seu dia-a-dia, o que sentem, os acontecimentos das suas vidas, o que observam da vida de pessoas do território e as suas concepções de mundo.

Se o hip hop veio a partir de pessoas que queriam que sua voz fosse ouvida, neste momento faz-se o som dos seus questionamentos e protestos permear espaços e alcançar outros jovens. Junto com o conteúdo da letra, ainda haveria a escolha de como ela seria ouvida e sentida, agora entraria com ritmo e poesia para gerar e compor discussões da geração sucessora que vive a realidade dessa cultura. As poesias e idéias escritas por outras gerações, são bases para elaborarmos uma leitura do presente, atualizando de acordo com as idiossincrasias do lugar e mirando na superação de situações-limites (Paulo Freire, 1977), para então seguir o ciclo e posteriormente servirem às próximas gerações. Esse pensamento circular sobre o tempo feito pela arte é recuperado nas ideias da poetisa de Sete Lagoas, cidade do interior de Minas Gerais, organizadora de saraus poéticos e inserida na cultura Hip Hop, Raypoesia (2025), em seus versos selecionados para a exposição “Olhos Negros” ela nos diz: “Minhas mãos pintam, moldam, escrevem, mas não criam do nada. Elas puxam os fios do passado, bordam sonhos no presente e deixam rastros para o futuro.”

Por que falar sobre dores?

Atuamos a partir da perspectiva de “enegrecimento da psicologia” (Santos, 2022), nosso método de “cura” partirá do conhecimento trazido pelas cabaças de Omolu, orixá que vivenciou e conhece as chagas, mas também vivenciou e é conhecedor da cura para suas feridas e, assim, leva consigo o remédio (Guimarães, 2017; Martins, 2015). Entre as feridas e a curas, partimos das vozes e criações de artistas que denunciam as violências, cantam sob suas dores e têm o Hip Hop como uma cultura que atua pela transformação social e propicia um espaço de se expressar e de ser ouvido, visto e percebido em suas várias linguagens artísticas.

Caminhando pelas trilhas marcadas pelo trabalho de Martins (2015), agora referenciados pelo itã de Omolu, aspiramos pelo que ela descreve sobre o “sofrimento que cura”, o qual se presentifica na compreensão de que ao partilhar narrativas num

coletivo cada sujeito pode reconhecer suas cicatrizes e colaborar no processo de elaboração uns dos outros (Martins, 2015). Vemos as dimensões de comunidade e local de cura inscrito no rap, sendo feita não sob âmbito privado o que traz caráter individual ao que é falado, mas feito juntos e com espaço para falar sobre várias instâncias da vida:

Nas batalhas de rap, cada artista compartilha suas experiências com a violência sexual, a situação de rua, o perfilamento racial, o ser pobre demais para comprar roupas, a violência homofóbica, a expulsão de casa e as terríveis condições das escolas públicas. No entanto, não o faz na privacidade das confidências, mas em locais públicos, em comunidades de apoio criadas e mantidas pelo grupo. A palavra falada se torna um local de cura para as feridas provocadas pelas diferentes combinações de opressão. Mas as narrativas da poesia falada não tratam apenas de raiva ou tristeza. Como parte de um desenvolvimento mais amplo do hip-hop para incluir artistas de vários gêneros, sexualidades, origem religiosa e até idade (também há o rap ‘dos antigos’), as batalhas de rap demonstram a importância da arte como lugar de amor, cura e intimidade. (Collins & Bilge, p. 195, 2020)

Desejamos, assim, criar espaços seguros e coletivos para quebrar o silêncio sobre opressões e violências vividas, entendendo que o silêncio nunca nos protegerá, pelo contrário, propicia a manutenção da estrutura daquilo nos causa medo (Lorde, 2019). Protestamos sobre os silenciamentos, partindo da compreensão que quando isto acontece, não recai apenas sobre o indivíduo, as violências são coletivas. A minha voz, também é sua voz quando estamos dentro de um “nós” de vivência compartilhada. Se o silenciamento é a arma do opressor, o grito e a voz é a nossa resposta: “E eu vou gritar até que o mundo entenda que minha voz, nossa voz, não possa mais ser silenciada” (RayPoesia, 2025³). A arte afina nossa percepção sobre a vida e como isso possui poder de influência para mudanças de realidade. Ainda é na investigação da experiência e da intimidade que a quebra de silêncios se inicia, é nesse movimento que o controle exercido sobre nós pelo que nos coage é ameaçado (Lorde, 2019).

Somos socializadas/es/os a engolir palavras daquilo que nos machuca sob pena de nos posicionar na fala e sermos mal intitulados ou atropelados de acordo com a “avenida identitária” (Akotirene, 2019) que está. “Quais são as palavras que você ainda não tem?

³ Poesia exposta nas paredes internas da exposição "Olhos Negros" no Centro Cultural Nhô-Quim Drummond (Casarão) em Sete Lagoas, Minas Gerais, estreado em 21 março de 2025.

O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?”(Lorde, 2019, p. 50). O silêncio carrega defesa; a autopreservação daquilo tudo que o falar pode revelar. Abrir-se com a palavra traz a elaboração e o conhecimento, sim, mas traz algo de muito íntimo. E o íntimo é carregado de toda a nossa vida.

Ao tempo que falar pode parecer que vai nos aniquilar, o silêncio pode corroer, amargar. A palavra engolida pesa no estômago e corre em círculos enquanto continua indigesta. A palavra não falada faz silêncio no ambiente mas grita pedindo pra sair. Depois de um tempo trancada, quando sai, sai meio desajeitada como se estivesse no lugar errado: eu não deveria ficar lá dentro? Ainda pensamos que não só o silêncio de palavras, mas o silêncio de qualquer forma de expressão. Nos são caladas as palavras, as lágrimas e as caretas. É repreendido e se constrói represas para não sair o que há de dentro. Quanto mais impassível a represa, mais valorosa é tida: o homem que não chora, o adulto que é forte e representações. Vamos represando a ponto que nos parece que a mínima brecha para sair um pouco que seja, vai lascar a represa inteira e se entornar.

Em uma “quebra ao silenciamento colonial” (Pereira e Schucman, 2023, p.8), através das letras de rap é possível que haja uma inversão dos papéis de quem conta a história sobre a juventude negra, os rappers assumem o lugar de narradores urbanos ao retratar nas rimas a realidade das comunidades periféricas por meio dos seus próprios olhares e palavras. Numa interseção entre a ideia de Autodefinição de Collins (2016) e o conceito de Escrivência de Conceição Evaristo (1995), o rap funciona como uma trilha sonora das vivências juvenis, preservando histórias, emoções e presenças que muitas vezes são silenciadas (Pereira e Schucman, 2023). É por meio da elaboração da consciência de si e da leitura crítica do que se vivencia que expressões artísticas-culturais abrem caminhos alternativos rompendo com paradigmas coloniais que “carimbam” nossos corpos, possibilitando o florescer de novos sonhos e imaginários sobre a negritude, possibilitando reconhecimento e pertencimento ao grupo negro e dando vazão para o sofrimento psíquico proveniente do racismo (Pereira e Schucman, 2023).

A escola é ponto focal desse processo de superação das feridas coloniais (Ambrosio e Silva, 2023), é o local de encontro para formação e fortalecimento de projetos de vida, ponto de confluência entre pares que permite a construção cultural e de resistência, como retoma Menezes e Amorim (2022). A efervescência que perpassa as vivências da adolescência é um importante período e espaço onde a construção de identidade é sensível ao olhar do outro e como aponta Gomes (2002), para as crianças negras essa fase é ainda mais delicada porque marca a construção da diferença racial e delimita a autodefinição. É a partir disso que entendemos a escola como campo de disputa onde pode se fomentar a estrutura neoliberal ou caminhos emancipatórios (Gadotti, 2007), escolhemos apostar na segunda opção, acreditamos na escola enquanto lugar de potências e de criação de novos sonhos e estratégias para a juventude.

Nos encontros onde as rimas pulam o muro

Collins e Bilge (2020), retomam o Hip Hop como uma política cultural complementar, onde contestam violências e expressam suas críticas sociais em espaços que o governo e a academia não se faziam tão visíveis, existindo de forma autogerida e local, dando forma “à práxis interseccional contemporânea” (Collins & Bilge, 2020, p.192). Ainda destacam a consciência coletiva da interseccionalidade e do hip hop de entender o compartilhamento das experiências de cada um como experiências coletivas, além da identidade também ser moldada por questões sociais.

É na arte feita de forma coletiva que podemos tocar no fortalecimento de vínculo do grupo (Santos, 2023, p. 23). Apostamos no que tange ao comunitário para contrapor a individualização imposta pelo colonialismo participando da “guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las” (Santos, 2023, p. 13). Dando início a ideia de reconhecer quem está ao lado como fonte de apoio e nos encontrando a partir da estética e das criações artísticas de pessoas negras e periféricas, podemos nos mover em direção a uma mudança autêntica com o entendimento que “As ferramentas do senhor nunca derrubarão a casa-grande” (Lorde, 2019, p. 139), nos nutrindo verdadeiramente daquilo que vem da gente e de gente como a gente.

A partir das nossas próprias vivências teceremos conhecimento de forma criativa com algo que nos faça sentido, a partir das nossas verdades não ditas, mas aquelas vividas e entendidas ali, constituindo nosso “crescimento” como indica Lorde (2019), algo que faz tanto sentido quando se trata da encruza entre Psicologia Comunitária com o ambiente escolar. A poesia vem como o elemento da vida, essencial para a significação de nossas experiências, mesmo aquelas que ainda não sabemos nomear (Lorde, 2019). A fala produz a elaboração do que se vive e como produto da elaboração, o conhecimento localizado. Dentro da poesia, em um processo de autopercepção e entendimento, buscamos palavras e cadências que transportem o que sentimos, o que desejamos entender e sondamos por cada canto, transmutando o capturado em magia com palavras escritas ou faladas que podem exercer um efeito sobre quem as recebe.

Com mais de uma “cabeça” pensaremos no que acontece, na nossa realidade compartilhada e passaremos pela poesia para poder sonhar, transpassar qualquer limite já colocado com a magia que um sonho carrega: não ver barreiras e poder propor em liberdade. Isso seria o ‘primeiro passo’ para outros que seguem: depois da ideia, o como direcionar nossa ação. Coadunamos com Lorde (2019, p.45): “(...) a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da nossa existência. Ela cria o tipo de luz sob a qual baseamos nossas esperanças e nossos sonhos de sobrevivência e mudança, primeiro como linguagem, depois como ideia, e então como ação mais tangível.”

O sonho, a liberdade, a coragem e a ousadia – todas essas palavras poderosas e bonitas – são dimensionadas na poesia e, em outras linguagens artísticas, vê-se que elas são algo que nos nutre e transforma e, por isso, tão cara quando propostas nos encontros, como nos afirma Lorde (2019, p.47) (...) são os nossos sonhos que apontam o caminho para a liberdade. Aqueles sonhos que se tornam realizáveis por meio dos nossos poemas, que nos dão a força e a coragem para ver, sentir, falar e ousar.”

Alinhando com as elaborações sobre a poesia, pensamos no caráter questionador, significativo e criativo da pixação e do grafites, ambas artes visuais que escrevem os “vulgos” ou nomes concebidos na rua pelos artistas, e se fazem contra colonial na medida que pessoas periféricas são referências artísticas para si mesmas, seus nomes circulam

pela cidade e desafiam o status quo de quem pertence a vista da rua. Assim, registram suas caminhadas pelos muros e quem possui o “letramento” das escritas de rua pode ler o movimento da escrita de pessoas que já faleceram, os “rolês” noturnos de quem passou por ali, formando uma memória registrada no corpo da cidade, na materialidade urbana. A rapper underground belo horizontina nabru usou da poesia Desenredo de Adélia Prado como inspiração do nome de seu disco e ascende a noção da pichação como uma literatura em uma das músicas, “Letramento”:

É que eu escrevo sobre as ruas, sabe/ Eu escrevo pelas ruas/ E foi nas ruas que eu pensei quando me perguntam / O que é literatura / Eu aprendi a lê duas vez / A segunda olhando prédios / e a aquele dia que o escama me deu um alfabeto / e foi na lama que eu nasci de novo / (...) eu sei que seus olhos ardem / tentando ler e entender e chamar de arte / são primitivos os que escrevem nas paredes e pedras / nesses concretos que eu rabisquei minha vida / são instintos reprimidos os desejos da minha carne (Letramento, 2024).

A pixação, assim como as gírias da favela, se constituem como uma expressão paralela ao colonialismo, exigem ambas um letramento cultural e o entendimento pleno se dá a quem está inserido ou se interessa. Furam a “monocultura” das letras: já não há mais jeito errado de escrever, privilegiam as formas criativas de elaborar uma letra e estas ainda podem carregar os jeitos de cada localidade, como os pixos retos de São Paulo ou os “emboladinhos” do Rio de Janeiro. De forma maior, Nego Bispo elabora:

Por que o povo da favela fala gíria? Preenchem a língua português com palavras potentes que o próprio colonizador não entende. Enchem a língua como quem enche uma linguiça. E, assim, falam português na frente do inimigo sem que ele entenda. A favela adestrou a língua, a enfeitiçou. Temos que enfeitiçar a língua. (Santos, p. 17, 2023)

Em contraposição às cidades cinzas, às violências vistas na rua e à desigualdade nas grandes cidades; por que incomoda tanto as cores do grafite? Ou os nomes escritos na parede? O muro que continua em sua plena função é visto como vítima de “crime ambiental” e é criminalizado quem colore o caminho cotidiano dos trabalhadores. Enquanto isso, pixadores questionam o uso do nome “crime ambiental” resgatando ao protesto a desigualdade de tratamento aos responsáveis pelos crime ambiental de ruptura das barragens de grandes mineradoras que mataram inúmeras pessoas e poluíram as águas, como lembrado pela cantora de Belo Horizonte, Mac Júlia:

Crime ambiental, vugo apologia / Nos escorregador de beiral / Não suja água limpa / Cês assegurando o crime / Assistindo a mídia / Enquanto isso eu registrando / As Kina da avenida / Pode pá chapa, salve pros mano da VK / Da Zona sul a Zona norte AM e GBH / Ralado de um lado pro outro / Liga os muro pra nós chapa / Na onda dos autorizados / Encarceraram os menor por protestar. (Kina, 2018).

Os protestos que tiveram ampla repercussão também foram cantadas pelos rappers, também da cena de Belo Horizonte, Djonga, FBC e Oreia, os quais também bradam a liberdade de referências da cena de pixação e grafite que foram encarcerados:

Prenderam os pichadores, manos, quantas dores causaram/ (...) Te apresento BH e ali bem perto Mariana, coberta de lama / A Samarco nos engana, a Vale não vale nada e quem é que vai pagar? / Inclusive a vó da minha chegada foi afogada pelo barro onde / Mais nada sobrevive / Mas aqui em Belô, o mesmo promotor que cuida desse caso só quer prender pichador! / Querem prender os meus heróis, prenderam os meus heróis / Salve Goma, GG, Maru, Morrou, Freak!. (Hino, 2016)

Metodologia

Com base no contexto da cultura musical, utilizamos a lógica dos atos, que na música são momentos ou eventos significativos que marcam a história e a evolução de um álbum ou de um período de um artista. Sendo assim, dividimos nossa oficina em três atos: “O que escuto de quem canta?”; “Penso, logo verso” e “Ilustrando nossos elementos”. Os encontros foram realizados em duas escolas públicas de Belo Horizonte, cada ato foi feito em um dia diferente nas escolas para que não interferisse nos cronogramas das disciplinas, além de possibilitar maior tempo de desenvolvimento em cada ato. Em média, cada turma tinha 25 estudantes, número que variava de acordo com o regime da escola, em escolas de regime integral a quantidade de alunos era menor.

Buscamos entender as construções territoriais de cada escola em que íamos realizar a oficina para que a partir desse conhecimento pudéssemos construir algo com sentido para aquela comunidade. Antes do início de cada ato realizamos um momento de “dinâmica de quebra-gelo” para nos aproximarmos daquele grupo que estávamos chegando, perguntávamos sobre seus gostos, pedíamos indicações de obras audiovisuais ou músicas para conhecê-los a partir de algo pelo qual se identificavam ou estimavam artisticamente e culturalmente, assim teríamos uma base inicial para nos orientarmos a construir encontros que se encontrariam com o que gostam e se interessam.

Junto com as conversas com os adolescentes, também conhecemos alguns dos territórios por meio de andanças, observação do trajeto feito pelo ônibus, conversas cordiais com pessoas locais, trabalhos realizados anteriormente na proximidade de uma das escolas e pesquisas feitas sobre o lugar. Assim, pudemos elaborar os encontros a partir de elementos que possuem no território - manifestações artísticas e culturais da Praça do Cardoso – praça próxima a uma das escolas; grafites e pixações nas casas, trailers e comércios; artistas MC's vindos da periferia da Zona Leste, além de familiares e vizinhos que escutam os artistas e o estilo musical proposto.

Miramos ir contra a desterritorialização denunciada por Nego Bispo (Santos, 2023), intelectual quilombola que propõe o encontro dos saberes das favelas, quilombos e aldeias. Se na escola, o conteúdo programático possui a história feita pelos olhos do colonizador selecionando o que acha importante para sobrepor conhecimentos próprios do território a que o estudante pertence, movimentamos para compor o conhecimento e a memória tecidos pelas histórias trazidas pelos adolescentes, protagonizadas por eles e por pessoas que conhecem, carregando a estética do lugar que vivem e a cultura desenvolvida por pessoas dessas comunidades de forma valorativa. Em contraposição aos estigmas colocados sobre as artes negras e praticando uma transgressão quando colocamos dentro das escolas saberes ditos marginalizados e que eram impedidos de entrar na institucionalidade, vislumbrando assim abrir um pequeno momento de escola própria, proposta por Nego Bispo, uma escola feita com conhecimentos próprios daquelas pessoas e daquele lugar (Significações, 2019).

Complementando o confronto à desterritorialização, nos orientamos a partir da confluência, também resgatado por Nego Bispo (Santos 2023; Significações, 2019), modo contra colonial de encontro. Esse entendimento vem de origens ancestrais do intelectual e também é inspirado no movimento dos rios. Os rios, mesmo vindos cada um de uma nascente diferente, se encontram, confluem e se fortalecem no seu percurso. O “juntos” ganha sentido nesse movimento de confluência, um sentido que rende, que dá o formato a nossa presença como extensionistas participando; buscando junto o conhecimento que é daquela comunidade; também sendo afetados nesse processo.

Ato I: O que escuto de quem canta?

Ao chegar na sala de aula pela primeira vez, sugerimos nos organizar em círculo para que pudessem se ver e que, pelo menos durante aquele momento, fosse possível que o modo enfileirado do modelo educacional fosse quebrado. Nossos corpos já nos apresentavam de antemão, mas damos nomes de quem somos, de onde viemos e qual era nosso objetivo ali. Para despertar os corpos rígidos e cansados, iniciamos com movimentos de alongamento inspirados nas dança urbanas do Hip Hop, com som das músicas ao fundo. Com as presenças despertas, perguntamos o nome e uma música ou artista que a pessoa indicava. Com isso poderíamos conhecer os interesses e gostos dos alunos, quebrar a barreira de estranheza com nossa chegada e também nos deixarmos sermos conhecidos. Criamos playlists em aplicativos musicais para que em tom de ambientação as músicas indicadas fossem plano-fundo para todos os outros encontros, rompendo com os silêncios maçantes normalmente impostos em sala de aula.

Quatro jovens de periferias da cidade de São Paulo, Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay em conjunto criaram o grupo brasileiro Racionais Mc's em 1988. Suas canções ecoam como gritos nas esquinas esquecidas, denunciando a violência e destruição da vida de jovens negros e pobres das favelas brasileiras. Nas salas de aula distribuímos as letras da quarta faixa “Capítulo 4, versículo 3” do álbum “Sobrevivendo no Inferno”, após uma breve contextualização histórica e social que esse álbum foi criado. Com a música tocando de fundo, em conjunto lemos atentamente os versos:

“60% dos jovens de periferia/ Sem antecedentes criminais já sofreram violência policial/ A cada quatro pessoas mortas pela polícia, três são negras/ Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros /A cada quatro horas, um jovem negro morre violentamente em São Paulo” (Capítulo 4, Versículo 3, 1997)

Em sequência a escutar a música completa, abríamos para discussão e expressões de sentimentos que essa canção suscitou nos estudantes. Surgiram reflexões sobre quais as mudanças e semelhanças do que era retratado nessa música de 1997 para os dias de hoje, os alunos levantavam que ainda entendem que a violência policial contra jovens negros ainda é muito presente como em vivências próprias deles:

“Durante a oficina, infelizmente, os alunos se identificaram em algumas partes das letras. Falaram sobre ver tiro no seu bairro, opressão policial e em um momento um dos meninos relata que no trajeto para a escola sofreu um “baculejo”, uma abordagem policial, junto com seus colegas. Sua voz fica baixa, esconde seu rosto com as mãos logo após contar enquanto se emociona e encerra o relato.” (Diário de Campo, 17 de junho de 2024).

“Quem confia em polícia? Eu não sou louco!” (Mágico de Oz - 1997), ao longo do álbum, é escancarado como a polícia militar persegue e oprime os jovens negros. O rap permite a reelaboração das realidades vividas por eles e proporciona uma retomada crítica de situações vivenciadas. Outro relato denuncia o racismo, um familiar do aluno foi agredido por uma cliente racista em seu trabalho e mesmo sendo a vítima, foi ele quem perdeu o emprego. A partir de relatos como esses surge um sentimento de revolta na sala com as injustiças vivenciadas pelas comunidades negras e tínhamos como pressuposto, assim como os Racionais Mc’s, que esse sentimento fosse premissa para o desejo de criar novas alternativas para transformação de suas realidades.

Compartilhar feridas permite que uma dor que era apenas sua se reparta e seja de todos, além de produzir nos adolescentes a percepção de que uma história pessoal diz da coletividade que eles compartilham e a partir disso gerar um engajamento crítico para produção de novas possibilidades (Martins, 2015). Ao partilhar histórias e dores, costuramos laços de pertencimento, onde uma voz ecoa na outra e cria uma resistência coletiva. No que tange ao poder do Rap de mobilizar subjetividades marginalizadas, o poema atua como força vitalizadora que fortalece, revigora e alcança corações exauridos, ofertando-lhes momentos de felicidade e conforto (Hinkel e Maheirie, 2007).

“Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros”, essa estatística felizmente já não é mais realidade. Graças às lutas do Movimento Negro foram produzidas e implementadas políticas de ações afirmativas que aumentam a possibilidade de entrada e permanência de pessoas negras nas universidades públicas do Brasil (Gomes, 2002). A partir desse verso, levantamos um debate sobre as possibilidades de ingresso no ensino superior público, articulando com quais os meios e caminhos que viabilizam tornar esse sonho mais próximo, fazendo circular informações sobre cursinhos populares, assistência estudantil, reserva de vagas e ações afirmativas.

Ato II: Penso, logo verso

O segundo encontro foi elaborado para colocar as discussões levantadas em forma de versos de rap. Conceição Evaristo nos ensina sobre a importância do registro de vivências de corpos que não ocupam espaços de poder e não têm suas narrativas contadas em determinados espaços, o rap entra como meio de registro de escrevivências de coletividades marginalizadas (Oliveira, Pedroza e Pulino, 2023). Escrever seria mais que escrita, é espelho da alma, é caminho de volta para si, na escrevivência cada linha ganha um gesto de libertação, cada vírgula é um universo refeito com cores próprias que devolvem e marcam a voz e o lugar das pessoas negras, a escrevivência é memória que cria novos universos e símbolos, rompendo com os padrões dominantes e cria ferramentas de formas de existências (Oliveira, Pedroza e Pulino, 2023). O rap funciona na tentativa de retomadas das tradições orais africanas de se inscrever no mundo com voz, letra e imagem em forma de poesia. (Pereira e Schucman, 2023, p.11).

No segundo encontro retomamos, inicialmente, escutando mais uma música do álbum “Sobrevivendo no Inferno” desta vez, “Mágico de Oz”. Nessa música é retratado o cotidiano de um adolescente em situação de rua que vivencia de forma nua todas as consequências do abandono por parte do Estado com uma criança negra. Diante dos absurdos e mazelas vivenciados por esse menino, os Racionais Mc’s o questionam quais os seus sonhos e como ele imaginaria que seria o seu mundo mágico de Oz. Provocamos um debate com os estudantes sobre as inquietações geradas pela música e perguntamos qual seria o mundo ideal e o que mudariam em suas realidades. Surgiram respostas como um mundo sem drogas, um universo sem violência. Um dos alunos respondeu que o seu mundo mágico de Oz seria um mundo em que não houvesse tantos entraves nas relações sociais e que as pessoas fossem mais abertas umas às outras.

Após a retomada, os estudantes se organizaram em grupos pequenos ou individualmente, para elaborar uma poesia sobre o que as discussões geradas em sala de aula despertou neles e como se veem dentro de suas próprias realidades. Ressaltamos que era um momento que eles podiam escrever livremente o que entendiam como importante. Os estudantes deixam marcado nos versos suas leituras críticas:

“Passa uma notícia no jornal, que mataram um jovem na favela/ ou prenderam um “cara mau”/Mau é quem prende/ Tantas coisas que eles fazem que muita gente não entende, não compreende e nem aprende/ Não aprende pois não ensinam/ e nem mostram a verdade pra gente/ pra gente da correria/ que acorda cedo pra ter seu pão de cada dia.” (G., 9º ano)

“Cresci nos becos e viela/ entre traficante e policiais/ No meio de uma guerra/ correndo perigo/ procurando um abrigo/ mas por ser negro sou discriminado/ por isso conto com Deus não com a sorte.” (A. e P., 9º ano)

Em uma das escolas, a conversa dos alunos sobre a música “Mágico de Oz” desembocou sobre o que viviam na escola, suas relações naquele espaço e como se sentiam em relação ao formato educacional. Como percebemos uma intensificação do engajamento dos alunos em discutir essa pauta, os quais falavam sobre as matérias, o corpo docente e também suas próprias posturas dentro da sala de aula propomos que escrevessem uma carta sobre o que viviam em relação à escola de modo a trabalhar a construção da sua própria leitura da realidade e proposição, a construção do seu próprio imaginário. É um processo contrário ao que Nego Bispo observa de “atrofiamento” (Santos, 2023, p. 12) das pessoas, as quais foram adestradas a servir ao trabalho, ao invés de terem seu imaginário estimulado e conseguirem realizar uma autogestão.

Eu acredito que para ter uma escola melhor, um ensino melhor, os professores poderiam ter uma consideração com a gente, porque existem vários problemas que nós sofremos, tanto a carga horária quanto o que sofremos individualmente. Também acho que nos incentivam a achar o que realmente queremos. Uma oficina de dança, música ou filme. Queria que tivesse um apoio psicológico, visitas e passeios diferentes. (Trecho de produção feita por um estudante no segundo ato das oficinas).

Ato III: Ilustrando nossos elementos

O Hip Hop se estrutura a partir de quatro elementos fundamentais que, em conjunto, constituem a alma desse movimento:

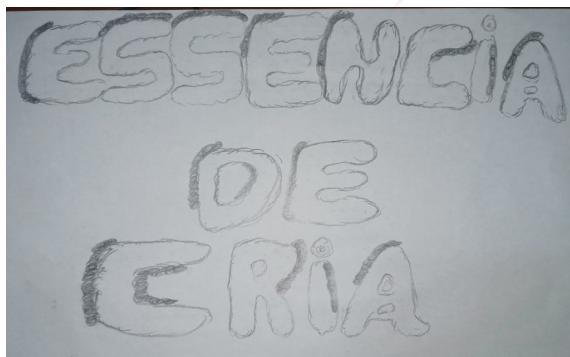
[...] o Dj (disque Joquei) pessoa responsável pela escolha das bases e batidas, aos modos de um ogan, porém com aparatos tecnológicos. MC (Mestre de Cerimônia) pessoa responsável pela gestão da palavra, falada ou cantada, articulando ritmo e poesia. Media conflitos, identifica tensões e interesses, mobiliza e conduz. A Dança desenvolvida por B.Girls (Dançarina de Break) e B.Boys (Dançarino de Break) é individual e coletiva, em seus diferentes estilos, técnicas e expressões. E o Grafite que é a expressão gráfica e plástica de sentimentos, reflexões, críticas e revoltas, através da escrita, do desenho e da pintura nas paredes e outros lugares e objetos da cidade, em muitos casos não autorizados. (Borges, 2013, p.131)

O grafite é arte que nasce nos muros da cidade, traços vivos que dançam sobre o concreto, criado com tinta spray ou tintas em rolos e canetas. No seu início e ainda hoje, o grafite é utilizado como uma forma de demarcação de territórios e protestos políticos estampados em lugares onde essas mensagens possam ganhar mais visibilidades, visto que muitas das suas vozes não são escutadas (Blanco e Souza, 2020).

“Quais grafites eles veem no caminho para a escola”, “Quais mensagens essas artes querem passar?”, esses questionamentos eram feitos aos estudantes para suscitar o pensamento crítico em relação ao grafite. A importância de entender a história e o valor social do grafite “não só é uma forma de escapar da realidade social desigual e dura, mas também um caminho para denunciar, como se o risco do spray fosse um grito” (Blanco e Souza, 2020, p.144) e compreender as razões da marginalização e até criminalização de mais uma criação de pessoas de afrodescendentes. Surgiram discussões em sala de aula sobre a diferença entre grafite e pichação, as duas são formas de se marcar dentro do espaço urbano, o grafite de forma estilizada e com cores, enquanto a pichação monocromática (Blanco e Souza, 2020).

Iniciamos com a etapa da construção coletiva do pensamento crítico para seguir na elaboração dos próprios versos e finalizar com o terceiro encontro inspirados no grafite, criando a capa para suas produções artísticas. Realizamos, inicialmente, uma apresentação básica do grafite com auxílio de materiais com letras em diferentes tracejados e estilos, depois os alunos seguiram com as criações.

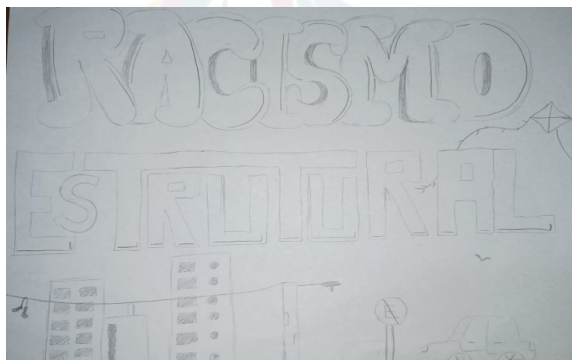
Figura 1: Essência de Cria



Fonte: Alunos do 9º anos

A “essência de cria” pode ser entendida como uma forma de se rebelar contra os estereótipos que desumanizam e constroem suas próprias identidades que acabam por romper com os moldes determinados pelo colonialismo (Collins, 2016).

Figura 2: Racismo Estrutural



Fonte: Alunos do 9º ano

O racismo estrutural atravessa o cotidiano escolar de forma persistente, manifestado na ausência de referências negras no currículos, nas expectativas reduzidas sobre estudantes negros e nas sutilezas de um ambiente que normaliza a exclusão (Gomes, 2002). O conceito foi introduzido pelos próprios estudantes ao analisarem o racismo como algo presente na construção da nossa sociedade.

Figura 3: Fogo nos racistas



Fonte: Alunos do 9º ano

Em um processo dialético, os jovens se inscrevem no rap assim como o rap se inscrevem em suas vivências. A expressão “fogo no racistas” se popularizou com o rapper belorizontino Djonga em sua música Olho de Tigre (2017), esse grito se tornou referência

na luta antirracista no Brasil e exprime o poder revolucionário da força da população negra frente às supressões coloniais.

Conclusão

“Um, dois, nem me viu, já sumi na neblina/ Mas não, permaneço vivo, prossigo a mística/ Vinte e sete anos contrariando a estatística” (Capítulo 4, versículo 3 - Racionais MC’s). A arte produz efeitos sobre o mundo, fazendo furos às imagens coloniais (Pereira e Schucman, 2023). É nesse sentido que alinhavamos pilares da cultura Hip Hop junto às oficinas com jovens estudantes da rede pública de ensino. Reconhecendo, inclusive porque viemos desses caminhos, que o racismo, o sexismo, a pauperização e a violência muitas vezes se impõem como barreiras ao sonho do ensino superior, apostamos na produção artística coletiva como instrumento de autodefinição (Collins, 2016; Collins & Bilge, 2020), afirmação étnico-racial e de amplificação de vozes que foram historicamente silenciadas (Lorde, 2019).

Isso implica no reconhecimento de que não partimos com respostas acadêmicas, mas que produzimos no encontro possibilidades de fortalecimento das trajetórias estudantis desses adolescentes, que almejam ingressar na universidade, e de jovens graduandos de classe popular, que buscam razões para permanecer e meios de que suas graduações dialoguem com seus territórios, suas histórias, suas lutas. Ao fim de cada encontro eram distribuídos cartões de papel onde os adolescentes eram convidados a expressar suas impressões, dúvidas e críticas. O retorno foi significativamente positivo, destacaram que gostaram de aprender mais sobre racismo, de sair um pouco do que seriam os modelos formais das aulas de matemática, português e afins. Um dos cartões dizia que foi importante para “saber o seu lugar” saber do que tá falando com base nas suas vivências. Em outro uma pessoa dizia ter gostado por poder tirar a dúvida do que era racismo e do que era preconceito, relacionado às diferenças de sofrimento vivenciados por pessoas brancas e negras, o que revela a impossibilidade de abordar o tema do racismo sem discutir branquitude, ainda que em espaços pauperizados.

Seguimos atuando com oficinas que produzem sons, cores, letras, poesias e cantos, organizando reflexões interdisciplinares que colocam em diálogo a psicologia

comunitária com as teorias contra coloniais e a epistemologia do feminismo negro, firmando o compromisso com a justiça social e a transformação social e nos inspirando com a própria coletividade nos encontros. Seguimos porque entendemos que não existe conhecimento sem autonomia e tampouco existe ciência sem chão.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade: Feminismos plurais**. São Paulo: Editora Pólen. 2019.

AMBROSIO, Leticia; SILVA, Carla. **Racismo É Um Trauma Colonial: Diálogos Entre Frantz Fanon, Neusa Souza E Grada Kilomba Sobre O Adoecimento Negro No Brasil**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 16, n. Edição Especial, 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1549>. Acesso em: 19 maio 2025.

BLANCO, Letícia de Souza; SOUZA, Elisabete Gonçalves. **O grafite e a formação do espaço geográfico urbano: informação, educação e arte**. Revista Geografia Literatura e Arte, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 141–159, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.167946>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geoliterart/article/view/167946/164120>. Acesso em: 19 maio 2025.

BORGES, Larissa Amorim. **NAS PERIFERIAS DO GÊNERO: Transitando entre Hip Hop, Funk e FeminismoS**. 2013. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CAPÍTULO 4, versículo 3. Intérpretes: Racionais Mc's. Compositor: Mano Brown IN: SOBREVIVENDO no Inferno. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6Wt61AZLG0bN2KasopE2sj?si=0f79d31d839d4772>. Acesso em: 19 maio 2025.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within**. Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99–127, jan. 2016.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Trad.: Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo; MARTINS, Raquel; OLIVEIRA, Rosângela Paulino de. **Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 64, p. 183-200, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p183-200>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rieb/a/JrmFLF39m5Wt8qcbjSSnCx/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 23 maio. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. 1a. ed. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GUIMARÃES, Samuel Novaes. **Obaluaê, o médico entre os orixás**. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal De Juiz De Fora, 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bach//files/2016/10/SAMUEL-NOVAES-GUIMAR%c3%83ES.pdf>. Acesso em: 19 maio 2025.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.], v. 9, p. 38–47, 2002. DOI: <https://doi.org/10.17851/2317-2096.9..38-47>. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 23 maio. 2025.

GONZAGA, Paula Rita Bacellar. “**A gente faz arte pra não morrer**”: Definições de si e de mundo a partir de produções de artistas negras lésbicas e bissexuais. 2022 . Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura, 4(15), 55–80. DOI: <https://doi.org/10.31560/2595-3206.2021.15.12645>. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/12645>. Acesso em: 23 maio. 2025.

HINKEL, Jaison; MAHEIRIE, Kátia. **Rap-rimas afetivas da periferia: reflexões na perspectiva sócio-histórica**. Psicologia & Sociedade, v. 19, n. spe2, p. 90–99, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500024>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/WTyX3kCtwMjpLT5jvJchnmr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2025.

HINO. Intérpretes: DV TRIBO. Compositores: Djonga, FBC e Oreia. IN: HINO. Belo Horizonte: DVTRIBO, 2016. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3yDCWq0K2AXoQPCcTB3CoD?si=a3c9e95fb4154908>. Acesso em: 19 maio 2025.

HIP hop é um fenômeno espiritual que veio para mudar o mundo, diz KL Jay - Ponte Jornalismo [por] KL Jay. [S. l.: s. n], 2023. 1 vídeo (36:31 min). Publicada pelo canal Ponte Jornalismo. Disponível em: <https://youtu.be/h-FxGsExDAk?si=pv4q3mNzdKD-Ktc4>. Acesso em: 19 maio 2025.

KINA. Intérprete: Mac Júlia. In: SUASÓRIA. Contagem: Produto Marginal, 2018. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl->

[pt/track/2vLmJJ6JeAdAXzj4QwI0GM?si=c15e583c4e614bc4](https://open.spotify.com/intl-pt/track/2vLmJJ6JeAdAXzj4QwI0GM?si=c15e583c4e614bc4). Acesso em: 19 maio 2025.

LETRAMENTO. Intérprete: Gvtx e nabru. Compositor: Bruna Helena Fagundes de Oliveira. In: DESENREDO. São Paulo: Caixa de Areia Records, 2024. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4tBnv6eACee5ksGgSewlfU>. Acesso em: 19 maio 2025.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**: ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MÁGICO de Oz. Intérprete: Racionais Mc's. Compositor: Mano Brown Edi Rock. IN: SOBREVIVENDO no Inferno.. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6G6FR1CEiuwkEbp33ryGAY?si=0d2c060c1f074ba0>. Acesso em: 19 maio 2025.

MARTINS, Raquel Mendonça. **O rap dos Racionais MC's em sala de aula como via de emancipação de jovens na periferia de São Paulo**: análises de oficinas musicais com ênfase no rap. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.48.2015.tde-10122015-112405>. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10122015-112405/>. Acesso em: 23 maio 2025.

MENEZES, Jaileila de Araújo. SILVA, Roseane Amorim da. **Periferia é Periferia em qualquer lugar**. In: Conselho Federal de Psicologia. Psicologia Brasileira na luta antirracista. Brasília: CFP, 2022. P. 298-323.

OLHO de Tigre. Intérpretes: Djonga, Malive, Pineapple Storm, TvSlim Beat. Compositor: Djonga, Malive, Slim Beat. IN: OLHO de Tigre. Belo Horizonte: Pineapple StormTv, 2017. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5QoA1Ttcf1OVCgRLxsVZN?si=176c3babf9294c70>. Acesso em: 19 maio 2025.

OLIVEIRA, Nathália Pereira de; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. **Escrevivências**: possibilidades para uma educação antirracista. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 28, e280101, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782023280101>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782023000100260&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 maio 2025.

PEREIRA, Carolina da Silva; SCHUCMAN, Lia Vainer. O lugar das práticas artístico-culturais na constituição da negritude para negros/as de pele clara. **Psicologia & Sociedade**, v. 35, p. e277138, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807->

0310/2023v35e277138. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Pv8gLKTsjk8brkVW8QYNGp/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em: 23 maio 2025.

POSSO Mudar Meu Destino. Intérprete: LEALL e Tarcis. Compositor: LEALL. In: ESCULPIDO a Machado. [S. l.: s. n.], 2021. Spotify. Disponível em:
<https://open.spotify.com/intl-pt/track/45XTYx6BccqLLe0Jc8FD3B?si=35ac7788a6f244b0>. Acesso em: 19 maio 2025.

QUEIROZ, Isabela Saraiva de; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Contribuições Decoloniais Para a produção De Conhecimento Por Pesquisadoras Em Contextos periféricos**. Revista Periódicus v. 1 n. 19, p.134-150, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/52747/29716>. Acesso em: 19 maio 2025.

RIBEIRO, Andreia da Silva. **Conscientização e Emancipação em Paulo Freire**. Sinergia. São Paulo. v. 19, n. 1, 2018. Disponível em:
<https://ojs.ifsp.edu.br/index.php/sinergia/article/view/304>. Acesso em: 19 maio. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Abrahão O. **Epistemologias Negras**: novas propostas para o ensino, a pesquisa e a extensão em Psicologia. In: Conselho Federal de Psicologia. Psicologia Brasileira na luta antirracista. Brasília: CFP, 2022. P. 344-359.

SIGNIFICAÇÕES da periferia: representações, confluências e transgressões [por] Antônio Bispo dos Santos. [S. l.: s. n.] 2019. 1 vídeo (25:42 min). Publicado pelo canal UNIperiferias Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=RiKAU5oGgRE&ab_channel=UNIperiferias.
Acesso em: 19 maio. 2025.

Healing suffering:
the intersections between hip hop, black feminism and community psychology in
schools.

Abstract: The silencing of the black population is a colonial project of dehumanizing these individuals and denying Afro-diasporic intellectuality. In the pages of this text, we discuss the experience of workshops produced with high school students from the public school system in the state of Minas Gerais based on the interweaving of Hip Hop culture, black feminism, countercolonial theories, and community psychology, with the aim of creating spaces for the circulation and amplification of the voices of these young people about their dreams, their territories, their stories, and their lives. This text is part of an interdisciplinary extension project composed of undergraduate students with a popular trajectory who accessed the Federal University of Minas Gerais through affirmative action policies. Ongoing since 2024, this project aims to bring the university closer to young people who live in the urban outskirts of the capital of Minas Gerais and to circulate information about student access and retention policies, as well as the peripheral knowledge that fractures the epistemicidal practices that inhabit the academy. We present the meetings between young university and high school students in three acts that were defined based on the themes of the workshops: “What do I hear from those who sing?”, “I think, therefore I verse” and “Illustrating our elements”, which worked with the black identity of Hip-Hop, the production of original verses and the creation of graffiti.

Keywords: Hip-Hop; Countercoloniality; Periphery; Black Feminism; Community Psychology.

Recebido: 30/06/2025

Aceito: 29/06/2026